

# a voz da abadia

A VOZ DAS GENTES DE ENTRE HOMEM E CÁVADO

ANO VII — N.º 219

MENSAL

Director: ALEXANDRE VAZ

31 DE JULHO DE 1994



PREÇO: 50\$00

TAXA PAGA  
4700 BRAGA  
PORTUGAL

## GRANDIOSA ROMARIA E FESTA À SENHORA DA ABADIA

PÁGINA 3



EM COVIDE (Terras de Bouro)

## «A FESTA DA PRIMAVERA» (26 de Junho/94)

PÁGINA 4



## III CONVÍVIO ANUAL DOS «DE BURICIS - Clube de Arte e Recreio»

PÁGINA 6

## SUMÁRIO

Pelo Santuário

PÁGINA 3

Ideias & Factos

PÁGINA 4

Utilização de água:  
seis meses para declarar

PÁGINA 7

Crónicas Selvagens

PÁGINA 8

## a voz da abadia

A VOZ DAS GENTES DE ENTRE HOMEM E CÁVADO

Quinzenário regionalista e independente

DIRECTOR

Prof. Alexandre Vaz

DIRECTOR-ADJUNTO

José Filipe

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
Santuário de Nossa Senhora da Abadia  
Santa Maria de Bouro  
4720 AMARES  
Telefone (053) 371197

PROPRIETÁRIO  
Confraria de Nossa Senhora da Abadia

DEPÓSITO LEGAL N.º 12453/86

COMPOSTO E IMPRESSO  
EDITORA CORREIO DO MINHO/SM  
Palácio de Exposições e Desportos  
Telefone 74087  
4703 BRAGA CODEX

ASSINATURA ANUAL: 1.200\$00  
NÚMERO AVULSO: 50\$00

TIRAGEM MÉDIA MENSAL  
3.500 EXEMPLARES

DIVULGUE E ASSINE

## a voz da abadia

Colabore connosco na expansão deste jornal.

Faça dos seus Amigos assinantes  
de «A Voz da Abadia» — enviando-nos,  
devidamente preenchido, este cupão.

NOME \_\_\_\_\_

MORADA \_\_\_\_\_

Assinatura Anual (1.200\$00) .....   
Assinatura Bi-anual (2.400\$00) .....   
Assinatura de Benfeitor ( . ) .....   
Renovação da Assinatura (Anos: ) .....

*Nas páginas  
deste Jornal  
o seu nome  
nunca fica mal...*

**Por isso anuncie  
n'A VOZ DA ABADIA**

# «MACANUDOS» QUEREM TRAVAR DEGRADAÇÃO DA PENEDA-GERÊS

«O Parque Nacional da Peneda-Gerês (PNPG), por incrível que pareça, é sucessivamente agredido, especialmente por aquelas pessoas que se dizem civilizadas» — denunciou o grupo bracarense da Banda do Cidadão Verde Minho.

O CB Verde Minho tem colaborado, neste Verão, em acções de vigilância em diversas zonas mais sensíveis daquela reserva natural», à semelhança de anos anteriores. Os 'macanudos' bracarenses prometem, «face a tantos exemplos de que a espécie humana por ali tem deixado provas, continuar dispostos a contrariar essa tendência» de degradação daquele património.

A tarefa de vigilância do CB Verde Minho tem vindo a desenvolver-se desde 1991 e é complementada com a «sensibilização junto das pessoas» para que não façam campismo selvagem, piqueni-



ques e «patuscadas» de fim-de-semana.

A campanha de vigilân-

cia desenvolvida no mês de Julho teve como pontos principais a Pedra Bela,

o posto de vigia do PNPG e a sede do grupo CB Verde Minho.

## A IGREJA NÃO PRECONIZA UMA PROCREAÇÃO IRRESPONSÁVEL

O Papa João Paulo II exortou ontem as famílias católicas a controlarem melhor os nascimentos, desmentindo que o Vaticano seja a favor de uma «fecundidade a todo o custo».

Dirigindo-se a centenas de fiéis reunidos no pátio interior da residência de Castelgandolfo para participarem na recitação do Angelus, o Papa abordou o tema da paternidade e maternidade responsáveis, numa nova intervenção

neste capítulo a um mês da inauguração, no Cairo, da Conferência das Nações Unidas sobre a população.

A Igreja tem tomado posição muito firme contra alguns projectos que poderão vir a ser apresentados nesse fórum em matéria de controlo de nascimentos, aborto e moral familiar.

O Papa afirmou nesta ocasião que o amor conjugal «tende por natureza a ser fecundo».

A concepção de um novo

ser humano «é uma continuação da criação» e um acto em que Deus está presente, disse.

O valor desta afirmação — acrescentou — é compreendido não só pelo crente mas pela «própria razão que reconhece na vida nascente algo mais transcendente do que o simples facto biológico».

Gerando uma nova vida, os esposos realizam uma das mais altas missões da sua vocação, a de colaboradores de Deus.

Pensão

UNIVERSAL

ABERTA TODO O ANO

Restaurante

EM

TERMAS

DE CALDELAS

Telefones 36236 / 36286

4720 AMARES



**FÁBRICA  
DE FATOS  
CASACOS  
CALÇAS**

*de alta categoria!*

À venda nos bons estabelecimentos

PONTE DOS FALCÕES  
MAXIMINOS - 4700 BRAGA

TELEFONE 71210  
TELEX 32288 FACHO

# PELO SANTUÁRIO



## HORÁRIO DAS MISSAS

Nos domingos e dias santos de guarda, de Abril ao fim de Setembro, durante a hora de Verão:

- 1.ª Missa — Às 09,30 horas
- 2.ª Missa — Às 11,30 »
- 3.ª Missa — Às 17.00 »

Nestes meses a Missa Vespertina aos sábados é às 18,30 horas.

## ALTERAÇÃO DA PRESIDÊNCIA DA COMISSÃO ADMINISTRATIVA DA CONFRARIA

Completava 12 doze anos em Novembro próximo como presidente da Comissão Administrativa da Confraria José Pinto Cardoso.

Resolveu desistir porque a fábrica e as empresas comerciais que tem, exigem que lhes dedique mais tempo; é membro do Conselho Económico da Arquidiocese, tem reuniões e assuntos do mesmo a tratar, e está à frente dum projecto de aproveitamento hidroeléctrico dalguns ribeiros, que lhe faz gastar o tempo disponível que tiver.

Mais, um desses ribeiros é o da Abadia; no aproveitamento dele incluiu a Confraria da Senhora da Abadia como sócia sem encargos de capital; não queria que se desse a confusão de suspeitarem que ele como presidente da Mesa da Confraria passasse dinheiro das esmolas e ofertas do Santuário ou dos rendimentos da Confraria para a «mini-hídrica» da qual é gerente e proprietário duma cota.

Pediu a sua admissão. O Sr. Arcebispo, D. Eurico Dias Nogueira, exonerou-o e no dia da peregrinação, 29 de Maio, nomeou o novo presidente. Agradeceu-lhe o trabalho que teve e os sacrifícios que fez por causa do Santuário, dos bens dele e da Confraria.

Agradeceu-lhe as ofertas e as dádivas que deu para o Museu, para a Casa da Mesa e residência do capelão, para o restauro do Santuário e para as festas; ao elogiá-lo pela dedicação e interesse com que promoveu o culto a Nossa Senhora e o desenvolvimento da Abadia.

Louvou a divulgação que o presidente e a Mesa da Confraria fizeram do Santuário; a realização das festas e actividades religiosas que nele tem havido, bem como as peregrinações que se tem feito a Nossa Senhora da Abadia.

O presidente cessante para terminar a sua missão de dirigir a Mesa e a Confraria: agradeceu a D. Eurico Dias Nogueira ter confiado tanto nele para o encarregar da presidência da Comissão Administrativa da Confraria de Nossa Senhora da Abadia e outras missões administrativas dos bens da Arquidiocese.

Agradeceu-lhe as palavras de reconhecimento pelo que tinha feito e ter aprovado a sua acção.

Manifestou o seu reconhecimento aos párocos do arciprestrado de Amares por todos os anos se ter realizado a peregrinação a Nossa Senhora da Abadia e pela visita em peregrinação da imagem da Senhora da Abadia a todas as freguesias do arciprestrado que eles organizaram com a Mesa da Confraria.

Declarou-se muito grato aos Mesários pela colaboração com que sempre o ajudaram nos

empreendimentos realizados e nos que principiaram. Agradeceu-lhes o trabalho que tiveram na preparação das festas e a dedicação em zelar os bens da Confraria.

O Capelão, os devotos de Nossa Senhora da Abadia, os irmãos da Confraria e os membros da Comissão Administrativa apresentam ao presidente cessante, José Pinto Cardoso, o seu reconhecimento e declaram que lhe estão muito gratos por tudo quanto fez por Nossa Senhora e pela Abadia, bem como pelas atenções que teve para com eles. E que Nossa Senhora lhe pague.

O novo presidente, Manuel Pereira Lopes, gerente, e um dos proprietários da empresa «Eusébios, S.A.», de Carredo, Amares, devoto de Nossa Senhora da Abadia, já é um benfeitor do Santuário

e da Confraria. Há nove anos deu cento e cinquenta contos para o restauro e adaptação da Casa do Lagar para residência do Capelão.

Depois mandou fazer a ramada que está na faixa ajardinada do terreno dos plátanos coberta de glicíneas e doutras trepadeiras.

O Vigário Geral, D. Eduardo de Melo Peixoto deu-lhe posse na sessão da Mesa de 25 de Junho passado.

Ao assumir a presidência da Comissão Administrativa da Confraria declarou que associava a si os demais membros da Mesa na resolução dos assuntos da Confraria e que estava com eles no que se tinha de fazer pelo aumento do culto a Nossa Senhora, pelo engrandecimento do Santuário e pelo progresso da Abadia.

## SANTUÁRIO DE N.ª S.ª DA ABADIA

### FESTAS DE AGOSTO

#### PROGRAMA

##### DIA 12 — SEXTA-FEIRA

19h00 — Início do Tríduo com Terço e Pregação.

##### DIA 13 — SÁBADO

07h00 — Novena  
08h00 — Via-Sacra  
19h00 — Pregação e Missa Vespertina

##### DIA 14 — DOMINGO

09h30 — Missa  
11h30 — Missa cantada com Sermão e Procissão da festa de S. Lourenço  
16h30 — Novena e Missa Vespertina  
21h30 — Pregação e Procissão de Velas

##### DIA 15 — SEGUNDA-FEIRA

10h00 — Peregrinação da 2.ª Capela para o Santuário  
À chegada, Missa da festa, cantada e Sermão  
12h00 — Eucaristia  
17h00 — Procissão, Pregação de conclusão e Missa Vespertina

**Quarta, Quinta e Sexta de manhã  
haverá Confissões no Santuário**

**Participe nos actos de culto  
em honra de Nossa Senhora da Abadia**

### PROMESSAS E OFERTAS

Estiveram no Santuário a cumprir promessas e deram:

Anónimo, 3.000\$00; Adelaide de Jesus Antunes, Bouro (S.ª Maria), 1.000\$00; António de Sousa Azevedo, Vilarinha, Valdozende, 1.000\$00.

Entregaram mais as seguintes promessas e ofertas anónimas: duas de 10.000\$00; cinco de 5.000\$00; quatro de 2.000\$00; quarenta e uma de 1.000\$00.

Uma devota de Nossa Senhora da Abadia que quis ficar no anonimato, uma toalha de linho para o altar da Eucaristia versus populum.

Manuel Fernando de Sá, Bouro (Santa Maria), 10.000\$00.

## COVIDE

## «A Festa da Primavera» (26 de Junho/94)



Esta festa teve como finalidade o convívio, a alegria e a Arte dos jovens Artesãos, que perante as entidades e um numeroso público, quiseram mostrar que é possível conciliar na vida real, o que de bom existia nos tempos passados e agora com inovações o vão adaptando às exigências da sociedade moderna. Entre flores e música o desfile composto com fatos das quatro estações, em grande número e variedade. Em anúncio: os grupos de crianças da A.T.L. entravam no palco.

O primeiro foi o da Primavera; um grupo de meninas carregadas de flores, saltitavam como borboletas ao som da música escolhida para o efeito, desceram do palco e ofereceram flores às entidades presentes. Logo se inicia o desfile com o grupo que vestia os fatos ligados a esta estação.

Assim sucessivamente se procedeu com as restantes estações.

No fim do desfile usaram da palavra o Sr. P.º Amadeu, Presidente do Centro Social e Paroquial de Covide, seguindo-o o Sr. Presidente da Câmara Municipal e como encerramento desta 1.ª parte falou o Sr. Governador Civil que com palavras calorosas aplaudiu o esforço e a coragem dos jovens que desfilaram assim como toda a Obra Social e Cultural que representavam.

Em seguida, no pavilhão que funciona como Oficina houve uma demonstração de todo o ciclo do linho e da lã nas novas máquinas tradicionais (engenho de moer o linho, teares e seus adereços, rodas de fiar a lã, etc.). Estas máquinas tiveram o apoio financeiro da ATACHA. Todas as outras

atividades de bordados, confecção, rendas, franjas, etc., estavam em pleno funcionamento. As entidades presentes, os convidados e todo o público, mostraram muito interesse e incentivaram as Artesãs com muita animação e carinho. Após a visita a este pavilhão, encaminharam-se para as novas instalações: a inauguração da Loja feita pelo Sr. Governador Civil acompanhado pela equipa das entidades oficiais: Presidente do Centro Regional do Norte da Segurança Social, Presidente do Centro Subregional de Braga da S.S., Director do Instituto do Emprego, Presidente e Vereadores da Câmara Municipal de Terras de Bouro, Presidente da Associação das Terras Altas do Homem, Cávado e Ave (ATAHCA), Coordenador da Área Educativa de Braga e ainda outras individualidades.

Depois da visita à Loja em que foram analisadas até ao pormenor todas as peças expostas, seguiu-se a visita à residência Social e por último ao refeitório e cozinha.

O Centro Social brindou as entidades, convidados e amigos, com um lanche que em alegre convívio foram passando por aí e petiscando, todos os grupos sucedendo-se até final.

O convívio do grupo musical «Animar», de Valdozende, da Banda de Carvalheira, que animaram a festa, finalmente, todos os Artesãos, trabalhadores e construtores das obras e todas as funcionárias do Centro Social. Foi um dia grande, cheio de cor, alegria e música. O Centro Social viu assim concretizado mais um sonho de todo o empenho demonstrado no desenvolvimento e melhoria de vida das pessoas.

## IDEIAS &amp; FACTOS

**1** — Os Mosteiros de Rendufe e de Bouro (Santa Maria), a Basílica de Nossa Senhora da Abadia — o mais antigo templo mariano da Península, no dizer dos entendidos — Sá de Miranda, a quinta da Tapada, onde escreveu e morreu e o seu túmulo, na Igreja de Carrzedo, são motivo de grande orgulho dos amarenses. São locais muito visitados e tornam as terras de Amares mais conhecidas.

Mas, há aproximadamente 22 anos, outro motivo surgiu de incalculável interesse, o nosso já famoso vinho verde branco. Ao falar-se, em Amares, logo se fala, agora, do seu precioso vinho.

Ponte de Lima, Melgaço e outras terras promovem os seus vinhos e os seus motivos de interesse, através de feiras.

Dêem-se, também a conhecer, os nossos monumentos, promovam-se os nossos vinhos e a nossa gastronomia. Vamos lá senhores responsáveis, produtores e hoteleiros. Aqui fica o desafio.

**2** — As estradas municipais estão, em grande parte, danificadas nos perfis e nas valetas.

Todos os dias, funcionários municipais, a caminho do trabalho, no regresso a casa e em serviço, por lá passam. Não curo de saber da categoria, nem se a lei impõe tal obrigação. Parece-me que todos, mas todos, pelo respeito que lhes deve merecer a coisa pública, têm o dever de comunicar tais ocorrências aos serviços respectivos. Obviar-se-ia, assim, que uma coisa simples se avolume e eternize.

**3** — Não gosto do nosso Edifício dos Paços do Concelho. Não gosto da sua feição arquitectónica. Qualquer obra, em Amares, com a categoria desta, em meu modesto entender, deve ter o granito como elemento dominante, mas não em placas polidas e coladas. Exportamos granito de óptima qualidade. Temos granito em abundância, mas preferimos o cimento...

**4** — A ligação Amares-Ponte do Bico, com a colocação do tapete de betuminoso, vai ficar excelente. Já na zona urbana onde foi, antes, necessário enterrar colectores de saneamento, as coisas não correram tão bem quanto se desejava. A Vila tem vivido atormentada com o pó. Grande parte da rua principal, especialmente, junto ao cruzamento que vai para a Escola Preparatória, ficou em terra batida. Aí, a fixação do betuminoso foi interrompida. A quem cabe a responsabilidade? Se à Autarquia, que a falta sirva, ao menos, para melhor programação, em futuras obras.

**5** — Comarcas de ingresso e comarcas de acesso. Dizem-me que a nossa Comarca poderia ser de acesso porque tem o movimento necessário a essa classificação. Acresce que, de há muito, os serviços são modelares e assim classificados. Amares continua de ingresso. Este ano judicial já tivemos 3 juízes!

O assunto, de capital importância, merece a cuidada atenção da Câmara Municipal ou do Ministério da Justiça.

Correspondente

## PADARIA UNIVERSAL

de António José Fernandes

ESMERADO SERVIÇO DE PÃO E PRODUTOS AFINS

Fabrico e venda de pão especial aos domingos para tornar o seu almoço mais apetitoso. O pão é o melhor e mais barato dos alimentos. Prefira o da PADARIA UNIVERSAL

TELEFONES 371125 e 371346 — SANTA MARIA DE BOURO — AMARES

## FIGUEIREDO

## S. Pedro/94

A nossa comunidade paroquial viveu intensamente as festividades em honra do seu Padroeiro.

Elas começaram em 29 de Junho com Missa cantada e procissão de velas, e prolongaram-se até 3 de Julho, dia em que houve, de novo, Missa cantada e sermão de circunstância e, depois, uma procissão com muitos andores e figurados.

## Falecimentos

Tudo aconteceu num ápice, ao fim da tarde do primeiro dia de Julho. O jovem Leandro Filipe, de Transfontão, morreu... E ninguém queria acreditar.

Morreu em circunstâncias trágicas e inexplicáveis, por atropelamento, na recta das Carvalhas.

Ainda foi transportado em ambulância, ao Hospital de S. Marcos,

mas já nada houve que pudesse salvá-lo.

O seu funeral e a Missa do sétimo dia constituíram-se em inescutível manifestação de pesar.

O Leandro Filipe fez a sua Primeira Comunhão em Junho de 1987. Professou solenemente a sua Fé em Agosto de 1993 e completaria 15 anos de idade em Novembro deste ano.

A sua modéstia e trato exemplares fizeram-no amigo de quantos o conheceram e com ele conviveram.

— Depois de grandes sofrimentos, a Sr.<sup>ª</sup> Rosinha Pereira, que foi



viúva do Sr. Carlos, músico, faleceu no Hospital de S. Marcos, vítima de acidente vascular. Contava 86 anos de idade.

Seus familiares, a quem apresentamos sentidas condolências, agradecem profundamente a quantos os acompanharam na sua dor e prestaram assistência à falecida. — (C.)



## FUNERÁRIA SANTA MARIA



Agência funerária

Com Carro Fúnebre próprio

Trata de toda a documentação de funerais.  
Funerais e Translações para todo o País.  
Coroas e Palmas em flores naturais.  
Ornamentação de Andores e Cruzes Pascais.

Telef. 371195 / 79244

Bouro (Santa Maria)

4720 AMARES

## Informação da Direcção-Geral dos Assuntos Consulares e Comunidades Portuguesas

Que, de novo, lhe chegam notícias segundo as quais agências ou entidades portuguesas ou estrangeiras estariam a empreender acções de recrutamento de nacionais portugueses para trabalharem na República Democrática e Popular da Argélia. Ao recordar que as agências privadas de colocação e as empresas de trabalho temporário carecem de

autorização do Instituto do Emprego e Formação Profissional para o exercício de actividade, e só podem colocar trabalhadores no estrangeiro nos casos previstos no artigo 5.º do Decreto-Lei n.º 124/89, de 14 de Abril, e do art.º 12.º do Decreto-Lei n.º 358/89, de 17 de Outubro, a Direcção-Geral dos Assuntos Consulares e Comunidades Portuguesas reitera os seus conselhos no sentido de os trabalhadores eventualmente interessados avaliarem cuidadosamente os riscos e as condições de

trabalho a que se sujeitam, sublinhando-se a instabilidade e precaridade que se vivem naquele país em matéria de segurança social.

Os interessados poderão dirigir-se, para mais esclarecimentos, aos serviços da Direcção-Geral dos Assuntos Consulares e Comunidades Portuguesas, na Av. Visconde Valmor, n.º 19, em Lisboa, ou às suas Delegações Regionais em Aveiro, Braga, Bragança, Chaves, Coimbra, Faro, Guarda, Porto, Viana do Castelo e Viseu.

## CM CASA MACEDO

DE - José Cassiano Gonçalves Macedo

TECIDOS • MALHAS • CONFECÇÕES • PRONTO A VESTIR  
CALÇADO • MIÚDEZAS, ETC. — EMP. S/ PÉNHOES

Praça do Comércio, 102 a 106

Telefone 993176

4720 AMARES

aonde o fez recolher em sumptuoso monumento. Toda a nobreza do Reino, o clero e o povo formaram o longo e pomposo séquito, ao longo das dezassete léguas, que havia a percorrer, postados nas bermas da estrada muitos homens com círios e tochas de cera fina para tal efeito preparadas. Esta extraordinária cerimónia teve lugar no dia 25 de Abril de 1361, havia 6 anos, 3 meses e 18 dias que fora assassinada... «a mais honrada trelladação que ata aquel tempo em Portugal fora vista» (Fernão Lopes, *Crónica de D. Pedro I*, Cap. XLIV). Este e outros cronistas, bem como modernamente alguns historiadores, não se referem à memória da coroação e do beija-mão que se seguiu à trasladação, mas Frei Manuel dos Santos acrescenta: «No outro dia officiou os funeraes em pontifical o bispo de Viseu; e no fim fez el-rei descobrir o cadaver, acompanhando-o como poderão em hua cadeira & trazendo o Abade hua coroa de ouro prevenida, outra vez derão princípio a nova & celebradissima cerimonia de beijarem a fria mão de D. Ignez como de sua Raynha todos os que erão presentes, por remate da acção, depositarão o real cadaver na elegante e soberbissima sepultura; o nella descãça até a ultimo dia da ressurreição universal» *Alcobaça Ilustrada*, pág. 176.

Frei Claudio da Conceição confirma: «(...) fez desenterrar o seu cadaver, e vestindo-o de Rainha, com coroa de ouro na cabeça, o mandou collocar em hua cadeira, porta em trono real, ordenando a todos, que estavam presentes, que lhe beijassem a mão como Rainha» *Gabinete Hist.*, pág. 22.

Manuel de Faria y Sousa diz o mesmo: «La mataron, y el principe no dexóde amar la muerta. Y assi luego que murió su padre, i empunhó el cetro, hizo desenterrar a D. Ignez, i colocar la en un trono, adonde foi coroada como Reyna; i alli hizo q. sus vassallos besassem aquellos huessos q. aviam ya sido manos bellas; publicando primero con juramento, i otros solenes que avia sido su muger legitima» (*Rimas varias de L. de Camões*, Canto III).

Caetano de Sousa, igualmente, admite a veracidade de cerimónia da coroação e do beija-mão: «Tirado corpo da sepultura, foy vestido, e adornado das insignias de Majestade e assentando-o em hua cadeira, lhe beijaram a mão os Senhores Grandes do Reyno, em demonstração e reconhecimento de vassalagem» (*Hist. Geneal.* Livro II, pág. 370).

E tudo isto está de acordo com os versos de Camões:

«O caso triste e dino de memória,  
Aconteceu da mísera e mesquinha  
Que depois de morta foi Rainha».

(*Lusíadas*, Canto III, CXVIII)

coisas que contribuíram para salvar a vida do Mestre, Fernão Lopes vai ser mais sincero, embora com a devida discricção, porque, diga-se desde já, como foi referido, D. João teve existência tranquila e livre de perseguições, enquanto viveu recatadamente junto da sua Ordem em Avis; mas desde que começou a estar à frente dos acontecimentos que o levaram ao trono, não faltaram conjuras, perigos e ameaças contra a vida dele. Lá chegaremos. Por enquanto vamos no mesmo assunto do juramento de D. Pedro quanto ao casamento com D. Inês de Castro, no sentido de fazer valer legitimamente os direitos dos infantes seus filhos, que dela teve.

Alargaram-se demasiado, mas intencionalmente, certas considerações que a história do reinado de D. Pedro registou exuberantemente quanto a aspectos do drama que constituiu, em sua vida, o caso de D. Inês de Castro, para mostrar a grande desigualdade, e de certo modo injustiça, com que este soberano tratou duas mulheres que a mesma história marcou com maior e menor intensidade. Enquanto para uma houve mais dignidade e honrarias para exaltar a sua triste memória, até ao ponto de elevá-la, mesmo depois de morta, à condição de esposa e rainha, a outra, não obstante providenciar para que acompanhasse e criasse o filho de ambos, privou-o do próprio título e identidade de seus progenitores, como informou o bispo de Tui, com visos de verdade, fazendo-lhes queimar os papéis de sua nobreza e riscar o nome dos Livros das linhagens, para que não houvesse mais memória de Almeidas.

Para mais desnortear os historiadores, Fernão Lopes diz que era natural da Galiza, o que carece de inteira verdade, pois não é a única vez que assim procede, por exemplo quanto a Ruy Freire, filho do Mestre da Ordem de Cristo, D. Nuno Rodrigues (cap. CXXXVIII, da prim.<sup>a</sup> p.<sup>ta</sup>), assim como outros autores, mesmo posteriores, por ignorância ou ironia se esqueciam de que Braga já não era a capital da Galiza, como efectivamente foi antigamente. Assim protestava um escritor de meados do século XVII: *Piengan algunos Cavalleros de Lisboa, adonde ay muchos de altos pensamientos, y otros que piengan mal, em parecer les que alli está citrada toda la Nobreza del Reino, y que por nacer alli se les deve mayor estimacion, y conforme a las provincias a donde los demas hão nacido les dan sus renombres y no dando este a los de Entre Duero e Mino los llaman Gallegos, sin respetar el aver nacido em los primeros solares de aquel Reino, de donde tuvieron principio muchas y muy llutres, y muy grandes casas de Espanha...*

É notável, naquela única referência que faz à mãe do Mestre de Avis, o propósito de deixar por ali um ponto melindroso, grave e sério, quanto a

### III CONVÍVIO ANUAL DOS «DE BURICIS — Clube de Arte e Recreio»

Pela terceira vez consecutiva, os «De buricis — Clube de Arte e Recreio» sediados na Vila de Terras de Bouro, levaram a efeito o seu convívio anual que integra o convívio paroquial da freguesia de Moimenta, da mesma sede do concelho, no pretérito dia 10 de Julho.

O local escolhido foi, como nas anteriores edições, «As Alminhas de Cordoide» na vizinha e hospitaleira freguesia de Santa Isabel do Monte, cuja população, para além de nos deliciar com o «pão milho» confeccionado de propósito para o evento, brindou-nos com a construção duma simpática fonte em pedra nascente que abastece o local seleccionado para a realização destes convívios.

A Câmara Municipal através do seu Presidente e vereação, mais uma vez nos



Um dos grupos em plena caminhada

honrou com a sua presença.

O dia iniciou-se com os percursos de montanha percorridos por centenas de jovens de várias agremiações culturais do concelho, a saber, os anfitriões, Souto, Ribeira, Balança, Chorense, Chamoim, Covide, Rio Caldo e Vilar da Veiga, onde, para além

de respeitar um trajecto previamente determinado, era solicitado o registo, em fotografia, de diversos pontos de referência como moinhos, capelas, engenhos, etc.

Pelas 11,30 horas, celebrou-se a Eucaristia com textos seleccionados pelo Reverendo Padre Fernando, pároco da freguesia de Moimenta e

Arcipreste do Arciprestado de Terras de Bouro, acto muito participado pelos presentes, nomeadamente pelas Associações, e como já é habitual, ponto alto do convívio pela forma inovadora como é dirigido.

Seguiu-se o almoço de confraternização constituído por uma monumental «churrascada de frango» e partilha de farnéis entre os inúmeros presentes.

Durante a tarde a rusga da freguesia de Chorense e alguns cantores ao desafio animaram os presentes tendo sido servida uma sardinhada assada a todos os presentes e eram cerca das 19.00 horas, quando abandonamos o recinto, esperando que para o ano se repita esta manifestação que tem grangeado a simpatia de todos quantos nela participam.

«A Voz da Abadia», n.º 219, de 31/07/94

1.ª Publicação

Tribunal Judicial da Comarca de Amares

### ANÚNCIO

No dia 26 do próximo mês de Setembro, pelas 14,30 horas, no Tribunal desta Comarca de Amares, nos Autos de Carta Precatória n.º 26/94, extraídas de foram dos Autos de Execução Ordinária n.º 6323/92 que correm seus termos pela 1.ª Secção do 4.º Juízo Cível da Comarca do Porto, em que são:

EXEQUENTE: Banif — Banco Internacional do Funchal, SA;

EXECUTADOS: António Gustavo Morais Pinto da Mota e mulher Maria Luísa Pires Frescata Pinto da Mota, residentes na Travessa Nova do Covelo, 27, 1.º Dt.º Centro, Porto, será posto em praça, pela primeira vez, para ser arrematado ao maior lanço oferecido, acima do valor adiante indicado, o seguinte prédio:

«Prédio misto, situado no Lugar do Outeiro, freguesia de Ferreiros, Concelho de Amares, inscrito na matriz sob os artigos 508.º urbano e 333.º rústico, descrito na Conservatória do Registo Predial de Amares sob o n.º 00182/251090, freguesia de Ferreiros, pelo valor de Esc. 465.240\$00».

Do referido bem é depositário judicial o Sr. António de Azevedo Sá Coutinho Russel, residente na Rua Travessa do Monte, Ferreiros, Amares.

Amares, 7 de Julho de 1994

A JUIZ DE DIREITO,  
Ausenda Gonçalves

O ESCRIVÃO DE DIREITO,  
Carlos Marcelo Baptista

legitimidades que tanto se discutem e se exigem nas cortes de Coimbra a propósito dos filhos de Inês, veementemente contestadas por João das Regras. E ainda mais quando, bem pouco havia, que maus portugueses, fazendo coro com castelhanos, blasonavam de impropérios e insultos contra a pessoa do Mestre com base no condicionalismo do seu nascimento, como refere o último parágrafo do cap. CLXXVI da 1.ª p.º «...lhe chamavam... vassallos de alfinago...» enquanto outros, mais polidos, parodiaram com a chistosa designação de «Rei de Avis».

Quanto à luz de todos os tempos não há memória que se recuse a quem de direito a menção da história, com o pleno uso de todos os elementos de identificação, neste caso assim não aconteceu, mas na verdade fica sempre uma ponta de fora. Desde aquela oportuna lembrança aproveitada pelo Mestre da Ordem de Cristo, D. Nuno, para propor a D. Pedro nomear na vaga do Mestrado de Avis a tenra criança que era filho de D. Teresa Lourenço, já daí se podia concluir que tão zelosa atitude só podia partir de pessoa que de mui perto estivesse atenta ao evoluir dos acontecimentos.

Frei Jerónimo Roman já garantiu que eram parentes, sem esclarecer as relações do parentesco. Com efeito, o Mestre da Ordem de Cristo, D. Nuno Rodrigues Freire de Andrade era primo de D. Teresa Peres Freire de Andrade, casada com Álvaro Fernandes de Almeida; eram primos carnais, co-irmãos ou primos diretos. Ela era filha de Pedro Freire de Andrade, irmão dos pais de D. Nuno Rodrigues Freire de Andrade, que se dirigiu à Chamusca ao encontro de D. Pedro com aquele moço que tinha em seu poder, para solicitar do rei seu pai o mestrado de Avis. E D. Pedro mostrou-se lisonjeado com aquela ternura demonstrada pelo seu próprio filho, que armou cavaleiro e lançou-lhe a bênção. Foram dados colhidos dos Livros de Linhagens.

Foi a Álvaro Fernandes de Almeida que o bispo de Tui escreveu as conhecidas cartas a pedir que moderasse seu sobrinho, o Mestre de Avis, quanto às pretensões ao trono. D. Teresa Peres Freire de Andrade, sua mulher, era cunhada de D. Teresa Lourenço e tia por afinidade, do Mestre de Avis. Ela era mãe de Fernão Álvares de Almeida, o inseparável companheiro de armas, como vai verificá-lo, neste caso já através das próprias palavras de Fernão Lopes, no qual o zelo e a preocupação, pela vida e segurança do primo co-irmão, são postos em devido relevo, e os perigos que lhe adivinhava o coração e logo providenciava, não eram os de um vulgar guadião pessoal.

Evidentemente que, já se sabe, para Fernão Lopes não há relações de parentesco; o que ele não escondeu foi a dedicação à grande Causa da

elevação do Mestre de Avis ao trono por parte de pessoas que se lhe entregaram de alma e coração, como foi prometido na mesma resposta ao bispo de Tui, D. João de Castro, para que ficasse desenganado da missão que o rei castelhano lhe confiara.

A seu tempo tratar-se-á de certos laços de sangue que uniam o Mestre de Avis a companheiros de armas fiéis à causa de Defensor do Reino, em que fora investido pelo, Povo.

Em reunião mais numerosa ainda, o chanceler repetiu, três dias depois, em Coimbra, na Sala das decretais da Universidade, as declarações de el-rei e das testemunhas presentes, esclarecendo que D. Pedro não havia dado a devida publicidade ao seu enlace com D. Inês de Castro, durante a vida do pai, com receio de provocar as suas iras e das consequências que poderiam advir de ter realizado o casamento sem o devido conhecimento paterno. Foram presentes o bispo de Lisboa, D. Lourenço; D. Afonso, bispo do Porto; D. João, bispo de Viseu e D. Afonso, prior de Santa Cruz de Coimbra.

O chanceler leu ainda uma bula de dispensação de parentesco que havia entre D. Pedro e D. Inês, licença solicitada já por D. Afonso IV, a qual, não sendo expressamente para aquele casamento, pois fora concedida pelo Papa João XXII, em 18 de Fevereiro de 1325, dispensava os impedimentos canónicos entre D. Pedro e a mulher que ele escolheu para esposa. E curioso é também que esta bula, que D. Afonso IV alcançara, quando D. Pedro era ainda criança, serviu precisamente para então legitimar uma ligação de dois entes que ele rei D. Afonso tão desumanamente acabou por consentir que se cortasse.

Tudo foi, em seguida, escrito e assinado por testemunhas. E, finalmente, o mordomo-mór, Conde de Barcelos, requereu, em nome dos infantes, certidões e públicos instrumentos daquele auto de declarações.

Sem dúvida, este espontâneo reconhecimento de seus filhos investia-se da dignidade que os distinguia do comum da nobreza e autorizava-lhes a garantia incontestavelmente todos os direitos e prerrogativas, com a possível sucessão no trono, tão precariamente assegurada no infante D. Fernando. E que, efectivamente, desde logo se sentiram investidos neste estado e qualidade, assim o prova depois o infante D. Dinis, quando após o acto de casamento do rei seu irmão com D. Leonor Teles, se recusa terminantemente a ir ao beija-mão e a reconhecê-la como rainha, afirmando que a mão dele é que ela devia beijar, como a príncipe de sangue real.

Logo depois, D. Pedro ordenou que o corpo de D. Inês fosse trasladado, com todas as honras e pompas régias, do Mosteiro de Santa Clara de Coimbra,

## AGRICULTURA

# UTILIZAÇÃO DE ÁGUA: SEIS MESES PARA DECLARAR

**Os agricultores e demais utilizadores vão dispôr de mais seis meses, no mínimo, para apresentarem as declarações de utilização de água nos seus terrenos e as águas privadas continuam a não pagar quaisquer taxas — esclareceu anteontem o Instituto da Água, a propósito do pacote legislativo publicado em Fevereiro deste ano.**

A declaração será obrigatória para todos os utilizadores de água do domínio público ou privado. Estende-se, assim, a todo o país o licenciamento já em vigor desde 1977 para as captações de águas subterrâneas no Algarve, mais tarde alargado a Lisboa e Vale do Tejo, Setúbal e Portalegre.

### Gerir recursos escassos e preservar direitos adquiridos

Segundo o Instituto de Água, o licenciamento não constitui mero acto administrativo, mas sim uma forma de garantir uma distribuição equitativa de um recurso cada vez mais escasso e de preservar os direitos já adquiridos contra eventuais prejuízos, quer na quantidade, quer na qualidade da água, causados por novas utilizações.

Quanto ao regime de propriedade da água, nada foi alterado, não se prevendo qualquer tipo de taxa de utilização, nomeadamente para poços, furos ou nascentes existentes em propriedades privadas e utilizadas para fins agrícolas ou quaisquer outros fins. É, no entanto, do interesse dos proprietários e utilizadores que declarem a existência desses poços ou furos às Direcções Regionais do Ambiente e Recursos Naturais, mediante o simples preenchimento de impresso que lhes será fornecido.

### Fazer o cadastro dos recursos hídricos

A referida declaração vai permitir fazer o cadastro nacional das utilizações dos recursos hídricos, o qual será parte fundamental do Plano Nacional da Água criado ao abrigo do mesmo pacote legisla-

tivo. Este Plano Nacional, a elaborar no prazo de 3 anos, integrará os Planos de Bacia Hidrográfica dos principais rios, bem como de pequenos cursos de água quando razões ambientais o justificarem. O objectivo é dotar o país de um diagnóstico dos recursos hídricos, das suas utilizações e implicações ambientais, e propor e programar acções que permitam melhorar e racionalizar o abastecimento de água, em quantidade e em qualidade.

Além do Conselho Nacional da Água, órgão consultivo de planeamento nacional, foram criados Conselhos de Bacia, que já reuniram pela primeira vez e têm funções consultivas de planeamento regional, onde estão representadas, entre outros utilizadores, as Associações de Agricultores.

### Águas públicas: e agricultores só pagam a partir de 2004

Os utilizadores de águas privadas e os pequenos utentes de águas públicas (desde que utilizem meios de extracção com potência inferior a 5 CV ou os furos ou poços tenham profundidade inferior a 20 metros) não pagam qualquer taxa. Os restantes utilizadores de águas públicas pagarão taxas de acordo com o princípio do utilizador/pagador.

As taxas a cobrar não constituem impostos, antes revertendo para o financiamento de acções e estruturas que visem a melhoria dos recursos hídricos e da sua utilização.

Entretanto, o sector agrícola ficará isento do pagamento de taxas de utilização por um período de 10 anos para a generalidade dos agricultores e de 15 anos para os pequenos agricultores. E, ainda assim, as taxas a pagar a partir dos anos 2004 ou 2009 pelos agricultores serão moderadas e progressivas, tal como para os demais utilizadores.

Face às dúvidas que entretanto surgiram, designadamente por parte de agricultores, o Ministério do Ambiente e Recursos Naturais decidiu proceder a uma campanha de divulgação sobre as novas disposições e prorrogar o prazo de entrega das declarações de utilização por um período de, pelo menos, seis meses.

Os três decretos-lei que constituem este «pa-

cote», o 45/94, o 46/94, o 46/94, foram publicados a 22 de Fevereiro, carecendo ainda, nalguns casos, de disposições regulamentares, o que contribui também para o adiamento da entrada em vigor da obrigatoriedade do licenciamento.

Brevemente, serão fixadas as novas datas limite para apresentação das declarações previstas.

## ANTES E DEPOIS DO CASAMENTO

*Penso que pode dar ensejo a oportunas reflexões a publicação deste desenho. Volte e repare na expressão da gravura nas duas posições.*

### ANTES DO CASAMENTO



DEPOIS

É vulgar verificar-se que as pessoas são umas antes do casamento e outras, depois. Em muitos casos, isso pode ser prejudicial e há pedidos de divórcio que nisso se fundamentam.

Ele (ou ela) não era assim, afirma-se. Enganou-me.

Diz-se que o casamento não é o fim do namoro, mas simplesmente uma etapa. Uma vez casados, os dois devem continuar a namorar, embora noutras circunstâncias e de outra maneira. E isso é importante.

Normalmente, antes do casamento, as pessoas toleram tudo uma à outra. Em nada vêem maldade nem segundas intenções. Se há amuos, depressa passam. Uma vez casadas, tornam-se intolerantes e intransigentes. Em tudo vêem propósitos de vingança. Procuram dominar o outro e impor a sua vontade.

Antes de casadas, as pessoas arranjam forma de dizerem as coisas sem magoar nem ofender. Depois, tornam-se brutos, rabugentas e implicativas, impertinentes, resmungonas, a quem nada serve e para quem nada está bem.

Antes de casadas, as pessoas parece que não podem passar uma sem a outra. Inventam pretextos para estarem juntas. Passam o tempo a lambem-se, em manifestações de carinho que chegam a impressionar mal pelo que têm de exagero e de dengue. Depois, cada um como que vai para a sua vida. Ele passa horas no café, a tagarelar com as amigas. Encontram-se quando se têm de encontrar. Às vezes, quando querem servir-se do outro. E quanto a manifestações de carinho... como podem coexistir com a coisificação?

Antes de casadas, as pessoas reparam no que o outro tem de bom ou faz de bem, e felicitam-no por isso, e dão prendas, e oferecem mimos. Depois, não reparam em nada de bom que o outro faz e põem termo aos mimos e às prendas. Quase desaprendem de dizer obrigado ou de pedir por favor. Quantas vezes nem sequer se lembram do aniversário de casamento ou do dia de anos do outro!

Procuram, antes de casadas, aparecerem bonitas uma à outra, cuidando até ao íntimo pormenor do seu arranjo pessoal. Depois, apresentam-se uma à outra de qualquer maneira, descuidam-se e desleixam-se.

A vida de um casal não seria diferente, para melhor, se estas e outras mudanças deixassem de existir? Se nenhum dos membros do casal pudesse dizer, com verdade, que enquanto namoravam ele (ou ela) não eram assim?

P. Silva Araújo

## CARDOSO DA SAUDADE



- FATOS
- CALÇAS
- CASACOS
- BLUSÕES

ARTIGOS DE ALTA QUALIDADE  
A PREÇOS SEM CONCORRÊNCIA

## CARDOSO DA SAUDADE

LARGO DE SANTA CRUZ — BRAGA

## CRÓNICAS SELVAGENS (36)

O pequeno Miguel, quase nu e sujinho nos seus cinco anitos, atraído não se sabe bem porquê, abeirou-se daquele cancelo, que o vinha intrigando há muito, aliviou o gravelho de pau e entrou no quinteiro. Achevou-se da reca, que parecia estar na sossega, fez um gesto inocente com a mão, mas a reca, de seu costume mansarrona, ou por ataque de bulimia ou outro motivo irracional qualquer, tombou o menino com uma focinhada e abocanhou-lhe a parte. A mãe tinha ido à bouça, ali perto, buscar uns acendalhos e uns gravetos para cozinhar o caldo. Ficava viúva e tinha só aquele filho. Quando viu o Miguel a transir e com uma choradeira fora do costume, e deu com ele a sangrar, ficou doidinha, mas, perante uma tão absurda tragédia, pegou no menino, embrulhou-o e foi num rápido com ele ao cirurgião da vila. O cirurgião estancou a sangria, fez as suturas, pôs o empacho, o toquinho cicatrizou, mas o clínico, com pena sua, não pôde evitar o pior. Segredo guardado a dois, bem fechado no pudor e no recato de mãe e filho, o certo é que, à medida que os anos foram dobrando, a cumplicidade entre os dois era cada vez mais intensa, angustiante. O tempo foi intumescendo, de tal modo que já não dava muita margem para umas certas desconfianças, em redor.

E, então, foi a Guilhermina, talvez a mais afoita:

— Que diabo tem o seu rapaz, que parece que foge das raparigas?

— Que há-de ter? Não lhe chegou ainda a hora...

Aquilo trazia água no bico. O dia era agora uma fonalha de Agosto a acender-se e o fumo dum cigarro triste começou a preencher o descanso sem gosto do Miguel.

Sentia-se homem, muito homem, ainda por cima a natureza dotara-o com uma compleição alta, forte, uma caixa de ar invejável.

Casar e dormir com uma mulher debaixo dos cobertores, bem quentinhos, deveria ser, giríssimo. E sonhava.

Sonhava com um guapo a dar os primeiros passinhos, aos tremeliques, sonhava a vê-lo saltar por riba das costas... Sonhava e o sonho ia pela lonjura do tempo, já ele era velho, velhinho a ver-se mimado por um neto ou uma meia dúzia deles.

A criada de sala do Casal de Ranhados, uma rapariga bem feita, pacata, enamorou-se dele, depois de tanto e tanto o infincar, apesar de ele se lhe parecer indiferente. Ermelinda resolveu encontrar-se e entender-se com a mãe.

— Dá-me a impressão que o Miguel gosta de mim, apesar da indiferença dele, cheia de artifícios. Mas não sei o que ele tem naquele olhar... Sempre tristonho...

A mãe do Miguel engoliu em seco.

— É feito. Bem gostava que ele casasse com uma rapariga escorreita assim como tu. Mas é lá com ele, não quero responsabilidades, e deste modo foi dando a saber que alijava a sua.

E novelo enovela e novelo desenovela, a mãe atirou-lhe de chofre:

— Homem, eu estou a ficar velha, um caco, tu já vais adiantado nos anos, arriscas-te a ficar no mundo sem amparo. O diacho da rapariga gosta de ti a valer.

E começou o namoro. E dali nem ele nem ela saíram. Uma espécie de nó invisível atava-os como a um destino irrevogável.

— A rapariga está derriçada. Mas tens de desenganá-la. Não quero remorsos cá em casa.

E o Miguel de cada vez que a acariciava, lhe beijava os cabelos soltos e a sentia cada vez mais sua, um rubor lhe subia às faces e apetecia-lhe, como um vulcão que explodisse, render-lhe a sua evidência de criança e pôr-lhe em causa a sua impotência.

— Eu tenho um caso muito grave de quando era menino que devia repartir contigo antes de casarmos... Mas não sei... Tenho medo.

— Qual caso?

— É difícil explicar-te...

— Entre nós que nos queremos do peito não há casos.

— Há, há, reafirmou convicto. Posso perder-te depois de irmos à igreja receber a bênção.

— Ó, Miguel, tu não estás bom da cabeça... Não falemos mais em estorvos escusados.

Ermelinda dava-lhe uma confiança que nem Deus e ia-o amolentando, até ver no que paravam aqueles navios.

Andaram nestes comenos e nestes lances amorosos dez anos e a rapariga sempre fiel. Só ele é que não atava nem desatava, embora a facear os trinta e cinco anos.

De repente sem mais nem menos, invadia-o a cheia irremediável do desejo cruciante de a possuir, de a ver semi-nua, de trocar nos sentidos exacerbados a imagem pela realidade.

Havia uma outra moça que gostava dele, o corpo era miúdo, proporcionado, de curvas lentas e ancas andróginas, como as das figuras antigas das mulheres egípcias. E a mãe, atenta, atilada:

— Comprometimento, é comprometimento!

Nestes boléus, casaram, finalmente. Afinal para que vem um homem a este mundo?

Levantava-se da cama como um peso morto, um derreio que nunca sentira em toda a sua vida. Tornava-se penoso arrancar-lhe uma única palavra. Muitas tentativas, outros tantos fracassos e entrou em tristeza profunda, em angústia. Sorumbático, olhos mortiços, punha-se ao canto da lareira como um mocho. O desejo por dentro era intenso, avassalador, excitava-se incontrolavelmente... mas nada. Tinha ganas quando via o seu vizinho e amigo a seguir pela belga fora como um deus da fecundidade a espelhar vida nova, e se enforcava, quase todas as noites, entre as pernas da mulher, mal ela ficasse despejada e, após o choco, a caldos de galinha, apenas uma semana. — Arriba aí, mulher.

A serra tinha penhascais, bosques, cavernas, insinuando o amor selvagem, umas semanas andou como louco, espavorido. Falha do poder fecundante do marido, ela ali estava maninha como um deserto.

E a vizinhança começou a notar.

— Então por que é que vocês esperam?

— Não podemos ter filhos... — era a resposta, seca.

As mulheres não ligavam muito ao que ele desatinava, mas insistiam como se aquela genuína relação de amor também fizesse parte delas.

— A culpa não é minha — ia libertando a Ermelinda.

Um filho caíria naquelas vidas como uma chuva numa sementeira mirrada.

Com uma barba de três semanas, deixava-se ficar debruçado no gradeamento irregular da varanda de madeira tosca, como um condenado que dos limites da prisão contemplasse uma cena de liberdade ou então, acorocado, molejo de todo, esquecia-se das horas ao borralho da lareira que ia esmorecendo lentamente, sem frio algum no corpo, mas gelido na alma.

E Ermelinda, conformada, paciente, ainda amorosa:

— Homem, anda prá cama, que feitos!

De dia bocejava.

— Queres mais untura nas couves?

— As couves. Ah, sim.

E ia esfarelado, devagarinho, a broa entre os dedos.

Ele que somente fumava por brincadeira ou distração, passou a utilizar o cigarro como necessidade.

— Trazes tabaco? — perguntou, mesmo antes de a mulher pousar o cesto das compras.

— Não.

— Então desaparece-me da vista!

— Ó homem, choramingou ela.

— Já te disse!

— Corri tudo, valha-me Deus e às almas. Acabou-se, foi um sumiço que lhe deu, disseram os lojeiros, todos a uma, por mor da guerra. Só prá semana.

A princípio fraternos comiam do mesmo grande alguidar e bebiam da mesma grande cabaça.

Num dos seus melhores permeios, estava a estacar uns feijoeiros, e ouve do caminho uma voz.

— Deixe a sua esmolinha ao desgraçadinho que o não pode ganhar!

Estava boa, não havia dúvidas. Quem era mais desgraçado do que ele, que queria um filho para amar e se agarrar na velhice e não o tinha sabendo-se como se sabia que um dos desejos mais caros do homem é o de prolongar-se nos filhos que tem.

O cântaro de Ermelinda lá estava todas as noites à espera que a fonte da vida o enchesse. Mas nada, qual quê!

Ermelinda, então, fez uma promessa a S. Bêntinho da Porta Aberta, terra para milagres ubérrima, a qual era ir de alpergatas rotas, a pé, dar três rodeios de joelhos em terra à volta do santuário milagreiro e esfregar três vezes a barriga na imagem do santo.

A sogra, mais céptica, quanto a este expediente, dizia-lhe que S. Bêntinho não era tido nem achado no Céu para semelhantes coisas, que era tudo uma questão de piparotar bem e forte o toco do filho de cima para baixo, de baixo para cima, que se desenrascasse.

— Arrebimba-lhe, mulher!

Ermelinda insistia que sem a juda do Céu, nada feito, que tinha muita fé no santinho.

A sogra entugiu. — «...então mordo a língua, falei antes do tempo».

S. Bêntinho tão capaz era de colar ossos, como endireitar a espinhela caída e limpar uma mão de cravos, ali era o Hospital das especialidades todas.

Correram, entretanto, as bodas do primo fidalgo com a prima fidalga, no solar de Ínfias. Ermelinda foi ajudar aos salões armoriados, a sogra à cozinha e o Miguel no aparadoiro dos buxos da alameda solarenga.

Os dois primos foram matrimoniados por seis bispos, cometendo entre eles plurais vénias, e não no foram por todos os bispos do Reino, porque, àquele tempo, os caminhos que atravessavam o Norte de Portugal eram piores que quelhos e quelhotas.

Passada a euforia, voltou tudo ao ramerrão em casa do Miguel.

Todas as noites, antes da deita, sogra e nora debruçavam as contas do rosário, padre-nosso, ave-maria... mas S. Bêntinho estava a atravessar, talvez pela velhice, uma crise de surdez.

Depois do jantar ficavam os dois por muito tempo à varanda que dava sobre o quintal, vendo a mãe a regar flores e a conduzir a galinha pedrês, arredia, ao capoeiro.

Uma voz feminina que passava no caminho ia cantando.

«Se acaso te arrependes

De algum bem que me fizeste,

Dá-me os beijos que eu te dei,

Eu dou-te os que tu me destel!»

Uma noite, porém, Ermelinda foi apanhá-lo, escondido, a chorar.

— Que é? Que é? Tu choras?

Os dedos de Ermelinda espalharam as lágrimas; mas como outras lágrimas borbulhavam, irreprimíveis e quentes, ela, toda fora de si, bebe-las, sôfrega, suplicando com a voz cariciosa:

— Não chores, não chores, Miguel! Eu sou tua, à mesma, eu nunca fui senão tua!

E aquele carinho louco o envolve, o carinho que ela revela nas mãos, na macieza do olhar, no calor da respiração e naquele jeito abençoado de mulher-mãe, de mulher-irmã, de mulher-filha.

Como um jardim tenro e alegre o carvalho ondulava.

Devagar, mas inexoravelmente, amanhecia. Como uma planta que se não vê crescer, mas cresce, assim a luz ia alargando os braços e abrindo os olhos. Miguel quando acordou, mal dormido, não havia ainda então luzeiro de madrugada no levante do céu. Miguel foi-se aproximando do carvalho, uma nuvem húmida de algodão embaciou-lhe os sentidos, sentiu o estômago aos torcegões, olhou o céu e não no viu, e o carvalho foi desaparecendo diante dos seus olhos baços e ficou na sua frente, gigantesca, uma só carvalha...

Manhã subida na ladeira do dia deram com ele pendurado no galho grosso da árvore frondosa e acolhedora, com a língua de fora.

A mãe, dias adiante, foi encontrar Ermelinda triste, cabisbaixa.

— Não te reles, mulher, era a sina dele que estava traçada pelo dedo do Criador.

Ainda o luto de todos era uma ilha de sombra na povoação, quando um caipira e alabardeiro de feiras, vivendo pelas gatunas mãos, rodeou várias vezes a casa, na ausência da sogra, faceiro, e cheio de promessas cantadas ao ouvido, aliciou a Ermelinda, ainda frescalhota, e fugiu com ela por esse mundo em fora, sem benção de padre nem registo no cartório. Por esta ninguém esperava. Era a sua segunda via-sacra.

Anos andados no moinho do tempo, apareceu precocemente velha, irreconhecível, um trapo, esmigada pelo mau passado, arregoada como um fruto murcho e estalado, escanzelada, os cães a farejá-la.

Que segredo escondia no rosto impenetrável, nos olhos parados, cujas pálpebras raramente batiam, ninguém lho descobriu.

Da Ermelinda louçã, vivaça, benfeitinha de corpo, pulsátil, sensual, estava ali um monte de ossos.

Só a mãe e a esposa do Miguel é que sabiam da tragédia maldita, fechada a sete chaves.

E o segredo foi com elas para debaixo da terra. Da terra inexorável e fria que o consumiu como quem consome uma pia de fogo sagrado o sacrifício da Vida.